

Assembleia Municipal da Covilhã

25 de Abril de 2024

Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhoras e Senhores Vereadores,
Senhoras e Senhores Deputados Municipais,
Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia,
Ilustres Convidados,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

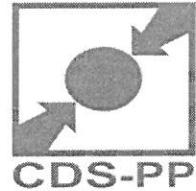
50 anos passaram desde o dia 25 de Abril de 1974.

Celebramos a Revolução de Abril e comemoramos hoje 50 anos da por tantos almejada Democracia, consolidada no 25 de Novembro de 1975.

Dirijo-me aqui a todos em representação do CDS, partido que com toda a legitimidade, assim como outros aqui hoje representados, pode afirmar ter contribuído, determinada e activamente, para a democracia que hoje celebramos.

Há 50 anos, nos meses que se seguiram, ao longo das últimas cinco décadas e hoje.

Comemoramos os 50 anos do 25 de Abril num ano especialmente relevante desta já não tão jovem democracia, em que os acontecimentos políticos recentes nos obrigam a refletir sobre o presente e o que queremos para o futuro.



A Revolução de Abril permitiu-nos ter Direitos, Liberdades e Garantias constitucionalmente consagrados por uma República que, tal como é definida no primeiro artigo da Constituição, é baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

Devolveu-se a soberania ao povo.

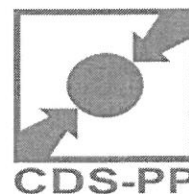
Mas será que temos sabido honrar esse desígnio?

Nunca, tanto como nos últimos tempos, temos ouvido a expressão “voto de protesto”.

Devolveu-se a soberania ao povo, deu-se-lhe liberdade para se exprimir e cinco décadas depois esse mesmo povo, que somos todos, sente a necessidade de se manifestar contra o “sistema partidário” ou os dirigentes políticos, com votos de protesto depositados em quem, quiçá, noutras circunstâncias menos “desalentadas”, não seria merecedor do seu voto.

Exercem o nobre direito de votar, mas considerar-se-ão realmente livres e representados por aqueles a quem, com o seu voto, atribuem o privilégio de os representar? E impõe-se a todos quantos são eleitos com esses votos honrar o cargo para que são eleitos.

A elevada abstenção, ainda que aqui e ali com alguma redução, que nos tem acompanhado nos variados actos eleitorais, quer a nível local, quer a nível nacional, tem de merecer a atenção de todos.



O desinteresse pela política e pela participação cívica, que não é só já dos jovens mas transversal a várias idades, é um flagrante sinal de que a Democracia que tanto se almejou não terá sido sempre, nem estará a ser sempre honrada.

No ano em que se comemoram os 50 anos do 25 de Abril as sessões da Assembleia Municipal da Covilhã começarão a ser transmitidas online para que os Covilhanenses mais facilmente possam assistir. Já a Câmara Municipal recusa-se a aprovar a sugestão dos Vereadores da oposição para que as reuniões de Câmara sejam transmitidas em directo.

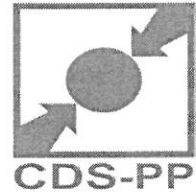
50 anos depois, já com os ódios, angústias e agruras desses tempos ultrapassados, temos por fim o futuro livre, democrático, justo e solidário que almejávamos?

Desengane-se quem porventura agora pense que são a democracia e a liberdade as culpadas pelo desalento que se vai sentindo ou, desculpem-me a expressão, “pelo estado a que isto chegou”.

Desengane-se quem porventura hoje possa pensar que afinal a democracia não abriu portas ao ambicionado desenvolvimento do país e que à boleia do populismo tente disseminar essa ideia.

Bem sabemos não ser assim.

Será talvez tempo de se pensar, isso sim, no que se tem feito com a Democracia que herdámos. O que tem sido feito com a Democracia e a Liberdade pelos Políticos, os Governantes e por todos nós enquanto Cidadãos, para fazer frente a populismos demagógicos e simplistas, ou pelo esbater das desigualdades, ou pelo desenvolvimento e modernização de Portugal?



Os Covilhanenses, os Portugueses, hoje já não querem apenas Democracia e Liberdade. Querem e legitimamente exigem mais daqueles em quem depositam a sua confiança através do voto. Querem projectos sustentados de desenvolvimento social e económico, querem estratégias bem definidas e não levadas ao sabor do vento, das circunstâncias ou dos interesses, querem medidas capazes de esbater as desigualdades, querem coerência na defesa dos essenciais princípios democráticos e humanistas pelos quais todos nos devemos bater.

Ninguém, ou muito poucos, se atrevem a negar as virtudes da Democracia, mas são muitos os que diariamente, das mais variadas formas públicas ou privadas, evidentes ou dissimuladas, fazem o contrário daquilo que louvam com fervor.

Não será hoje o dia nem o momento de aqui apresentar exemplos desse comportamento contraditório, mas estou também certa da inutilidade de o fazer porque todos os sabemos reconhecer e já todos os teremos testemunhado.

São sempre muitas as tentativas, que se querem vãs, de calar a voz incómoda, de cercear o espírito crítico, de se reduzir a diversidade de pensamento, no fundo, de limitar a liberdade individual e colectiva.

Nunca, mas nunca, percamos a liberdade e nunca, mas nunca, nos demitamos de a usar, de plenamente a exercer apesar de tudo, apesar de todos.

Hoje, como sempre e mais que nunca, dêmos vivas à Liberdade!

Joana Petrucci Rocha